

1 **ATA DA TRIGÉSIMA PRIMEIRA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA CONGREGAÇÃO DA**
2 **FACULDADE DE EDUCAÇÃO EM CONJUNTO COM A ASSEMBLÉIA UNIVERSITÁRIA**
3 **EXTRAORDINÁRIA PARA OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO AO**
4 **PROFESSOR DOUTOR RUBEM AZEVEDO ALVES.** Aos três dias do mês de maio de hum
5 mil, noventa e cinco, às dez horas e trinta minutos na Sala de Reuniões do
6 Conselho Universitário, da Universidade Estadual de Campinas, no Prédio Reitoria II, na
7 Cidade Universitária "Zeferino Vaz", em Barão Geraldo, Campinas, sob a Presidência do
8 Magnífico Reitor Professor Doutor JOSÉ MARTINS FILHO, e com o comparecimento do
9 Vice-Reitor da UNICAMP, Professor Doutor André Maria Pompeu Villalobos; do Pró-Reitor
10 de Extensão e Assuntos Comunitários, Professor Doutor Archimedes Perez Filho; do Pró-
11 Reitor de Pesquisa, Professor Doutor Carlos Henrique de Brito Cruz; do Presidente do
12 Conselho Científico da FAPESP, Professor Doutor Oscar Sala; do Representante do
13 Presidente da Câmara Municipal de Campinas, Vereador Luíz Carlos Pinto e do Diretor da
14 Faculdade de Educação, Professor Doutor José Luís Sanfelice, que fizeram parte da Mesa,
15 e demais autoridades civis, Membros dos Corpos Docente, Discente e Técnico-Administrativo
16 da UNICAMP e demais convidados, reuniu-se a Congregação da Faculdade de Educação
17 e a Assembléia Universitária Extraordinária, especialmente convocada para a outorga do
18 título do Professor Emérito ao Professor Doutor Rubem Azevedo Alves. O Senhor Marcus
19 Vinícius Pazine Ozores foi convidado para exercer as funções de Chefe de Cerimonial da
20 Sessão Solene. Dando início à Sessão, o Magnífico Reitor declara aberta a Assembléia
21 Universitária Extraordinária, solicitando aos Professores José Luiz Sanfelice e José Luiz
22 Sigrist, que conduzam ao recinto o homenageado que é recebido com uma calorosa **salva**
23 **de palmas.** O SENHOR MARCUS VINICIUS anuncia o recebimento de congratulações das
24 seguintes personalidades: Lourival Carmo Mõnaco, Presidente da FINEP, Governador Mário
25 Covas; Marcos Ribeiro de Mendonça, Secretário de Estado da Cultura; Carlos Eduardo
26 Moreira Ferreira, Presidente da FIESP-CIESP; Doutor Adib Jatene, Ministro de Estado da
27 Saúde; Francisco Weffort, Ministro de Estado da Cultura; Doutor José Israel Vargas, Ministro
28 da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico; Émerson Kapaz, Secretário de Estado
29 de Estado da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico; Antonio Ignácio Angarita
30 Ferreira da Silva, Secretário de Estado do Governo e Gestão Estratégica, General Francisco
31 de Albuquerque, Comandante da Brigada Infantaria Blindada de Campinas; Miguel Reali
32 Júnior, Secretário de Estado da Administração e Modernização do Serviço Público; Fábio
33 Feldmann, Secretário de Estado do Meio Ambiente e Doutor José Galizia Tundisi, Presidente
34 do CNPQ. Anuncia também a presença do jornalista Luiz Vitorelli, representando o
35 Professor José Alberto Souza Freitas, Superintendente da USP de Bauru. Convida a todos
36 para ouvirem a execução do Hino Nacional Brasileiro. A seguir, o Chefe do Cerimonial
37 solicita ao Professor IRINEU RIBEIRO DOS SANTOS, Secretário Geral da Universidade, que
38 proceda à leitura do Termo de Compromisso, que é feito nos seguintes termos: "Aos três
39 dias do mês de maio de um mil novecentos e noventa e cinco, as dez horas e trinta minutos,
40 na sala de reuniões do Conselho Universitário no prédio da Reitoria, na Cidade Universitária
41 "Zeferino Vaz", em Barão Geraldo, Campinas, em Assembléia Universitária presidida pelo
42 Magnífico Reitor, Professor Doutor JOSÉ MARTINS FILHO e presentes os Senhores -
43 Membros do Conselho Universitário, Membros dos Corpos Docente, Discente e Técnico-
44 Administrativo da Universidade Estadual de Campinas e demais convidados, comparece o

1 Professor Doutor RUBEM AZEVEDO ALVES, a quem, o Conselho Universitário da
2 UNICAMP, em Sessão realizada em vinte e nove de novembro de hum mil, novecentos e
3 noventa e quatro, conferiu o título de PROFESSOR EMÉRITO, nos seguintes termos:
4 República Federativa do Brasil - Universidade Estadual de Campinas. O Professor Doutor
5 José Martins Filho, Reitor da Universidade Estadual de Campinas, de acordo com a
6 deliberação do Conselho Universitário em Sessão realizada em vinte e nove de novembro
7 de hum mil, novecentos e noventa e quatro, confere ao Professor Doutor RUBEM AZEVEDO
8 ALVES, o título de PROFESSOR EMÉRITO pelos relevantes serviços prestados em prol do
9 desenvolvimento da UNICAMP, Cidade Universitária "Zeferino Vaz", 3 de maio de 1995. a)
10 José Martins. Filho - Reitor; b) Irineu Ribeiro dos Santos - Secretário Geral. Depois de
11 efetuada a entrega do diploma, promete o ilustre homenageado honrar o título honorífico
12 com que é distinguido e cooperar sempre para a grandeza da Universidade Estadual de
13 Campinas. E, para constar, eu, IRINEU RIBEIRO DOS SANTOS, Secretário Geral da
14 Universidade, lavrei o presente Termo de Compromisso que vai assinado pelo Magnífico
15 Reitor, pelo homenageado, pelos presentes e por mim. Neste momento, o Magnífico Reitor
16 faz a entrega solene do título de Professor Emérito ao Professor RUBEM AZEVEDO ALVES,
17 lembrando sua longa amizade com ele, dos contatos de anos e anos de vida, e o encontro
18 do trabalho em comum em relação à luta por uma vida melhor. Ser Reitor é complicado,
19 vivemos num tempo de violência, e uma reunião em que o encontro é para falar de paz,
20 amor, reconhecimento, lembrar aqueles que dedicaram a sua vida à Universidade, é de
21 extrema felicidade. Talvez não só esteja mais feliz do que o homenageado, sua esposa e
22 sua família. Em nome da UNICAMP, do Conselho Universitário, de todos os Professores,
23 alunos e funcionários, passa o diploma ao Professor Rubem Alves, dizendo que ele certifica
24 a respeitabilidade e a honraria que a UNICAMP tem dele ter sido Professor desta Casa e
25 de continuar recebendo o seu trabalho. A seguir, o Chefe do Cerimonial convida o Professor
26 Doutor José Luís Sigríst, do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade
27 de Educação para saudar o Professor Doutor Rubem Azevedo Alves, em nome do Conselho
28 Universitário, aqui representando a Comunidade da Universidade Estadual de Campinas.
29 Com a palavra, o Professor JOSÉ LUIZ SIGRIST profere o seguinte discurso "Excelentíssimo
30 Doutor José Martins Filho, Magnífico Reitor da Universidade Estadual de Campinas;
31 Excelentíssimos Senhores componentes da Mesa deste Conselho Universitário; Senhores
32 Diretores; funcionários; alunos; parentes; amigos e convidados do nosso homenageado; Caro
33 amigo Rubem; Era uma vez um jovem que veio de longe para fazer o curso de doutorado
34 na Faculdade de Educação de nossa Universidade. Certo dia, não faz muito tempo, entrou
35 em minha sala para se despedir. Estava às vésperas do retorno ao seu País. Disse ter
36 sido, para ele, um privilégio muito particular ter podido estudar nesta Universidade, da qual
37 tinha ouvido falar muito bem e que a experiência aqui vivida não apenas confirmava aquele
38 conceito, como tinha ultrapassado em muito as suas mais elevadas expectativas. Aqui
39 encontrara bons colegas, bons professores e até mesmo alguns sábios. Entre eles o
40 Professor Rubem Alves. Meio encabulado por não recordar-lhe o nome indaguei-lhe sobre
41 o que entendia por "sábio". "Sábio" é aquele que consegue penetrar no espírito e no coração
42 das produções culturais da Humanidade, ao longo da História, e consegue comunicar aos
43 outros esta sua percepção, de uma forma pessoal, clara e simples. Honrado com o convite
44 a mim feito pelo Diretor da Faculdade e pelo Chefe do Departamento a que pertenço, para

1 dizer algumas palavras ao homenageado de hoje, em nome deste Conselho Universitário
2 e representando a Comunidade Universitária, lembrei-me daquele encontro com aquele ex-
3 aluno e fui buscar na fala dele alguma inspiração. De imediato me vieram à mente algumas
4 lições que aprendi em salas de aula, em leituras, em meditações pessoais ou em colóquios
5 inter-pessoais, todas elas guardam alguma similitude com a definição acima enunciada. São
6 lições antigas, de antigos mestres, muitas vezes, ensinadas, muitas vezes esquecidas. A
7 primeira foi de Platão, quando nos ensina que a sabedoria consiste em ordenar bem o
8 próprio espírito na procura da Verdade, no desejo do Bem e no amor do Belo. A segunda
9 foi de Santo Agostinho, quando afirma que o coração do homem peregrina inquieto enquanto
10 não repousar na Verdade "Inquietum est cor meum donec requiescat in Te". A terceira foi
11 de um pensador romano que conheci nas aulas de latim. Não me lembro, se de Terêncio,
12 se Plauto ou de outro entre aqueles que faziam cair a média nos meus boletins escolares,
13 com adágios, sentenças e provérbios cuja sabedoria só mais tarde vim a reconhecer. Dizia
14 e diz um deles: "Homo sum et nihil humani me alienum puto". Sou um homem, e nada do
15 que é humano me é estranho. De outras lições de mestres eminentes me lembrei. Talvez
16 as invoque nesta locução, se entender oportunas e pertinentes. Aliás, os doutos ouvintes
17 já devem ter percebido a colaboração de Hegel e de Marx, na lição do nosso ex-aluno:
18 "Sábio é aquele que consegue penetrar no espírito e no coração das produções culturais da
19 Humanidade, ao longo da História". Entendo que ambos endossariam essa definição, desde
20 que se esclarecesse e se distinguísse o que se quer dizer com "produções culturais".
21 Deixemos essas questões acadêmicas e voltemos à Academia. O Professor Rubem Alves,
22 por deliberação do Egrégio Conselho Universitário, está recebendo hoje o título de Professor
23 Emérito. Mas, além daquilo que está nos Estatutos, e aqui foi lido, o que significa o termo
24 emérito? Vou ao Aurélio e encontro: emérito significa: "sábio; muito versado numa ciência
25 ou arte insigne". Se os linguistas nos permitirem, podemos dizer também que Professor
26 Emérito é aquele que excede em mérito. Mas qual a excelência de mérito do Professor
27 Rubem? Não serei eu a dizê-lo, nem pedirei a alguém que o diga. Esta excelência está
28 presente em todos aqueles a quem o Professor Rubem disse alguma coisa, quer com seus
29 escritos, quer com suas aulas, quer com suas atitudes e opções. Não há como enquadrar
30 em conceito ou proposições, coisas dessa natureza. Mesmo porque estamos falando de
31 pessoas e, pessoa é a primeira coisa que se intui e a última que se define. Isto, entretanto,
32 não nos impede de pinçar algumas características que ajudam a desenhar o perfil do nosso
33 homenageado. A sabedoria consiste em ordenar bem o nosso espírito na procura da
34 Verdade. Tarefa difícil uma vez que a Verdade não se nos dá de imediato, nem de forma
35 transparente. Ela é exigente. Impõe esforço, trabalho, luta. E tão logo nos sentimos ter nos
36 apossado dela, já nos escapa e se esconde por detrás de novas aporias ou dúvidas. Por
37 isso trata de uma procura, não de um encontro. Assim nos parece ter sido todo itinerário
38 intelectual de Rubem Alves. Basta consultar-lhe as obras, as opções e engajamentos.
39 Percebe-se que ele procurou ordenar o seu espírito o interior de múltiplos sistemas,
40 modelos e teorias, adentrando fundo no coração da nossa cultura e da nossa história,
41 percebendo ainda com a evidência possível as determinantes objetivas de todas essas
42 ordenações. Esteve sempre numa atitude de procura a ponto de, até hoje, lembrando Santo
43 Agostinho, não ter aquietado o seu espírito, a despeito de alguns momentos de repouso do
44 seu intelecto no interior de sólidas convicções. Neste sentido, podemos dizer que ele é um

1 ortodoxo, mas é um ortodoxo que abomina todas as ortodoxias. Contradição? Não.
2 Paradoxo? Talvez. Mais que isso: Sabedoria, já que esta consiste na procura e não na
3 posse da Verdade. Plenamente convencido da radical historicidade da condição humana,
4 passou a assumir a radical historicidade da Verdade. Por isso tem adversários, mas sabe
5 compreendê-los e respeitá-los. Não o agradam as polêmicas, mas não foge ao debate.
6 Parece abominar os dogmáticos, até mesmo por, talvez, ter sido um deles, algum dia.
7 Percebeu bem cedo que as certezas apolíticas, absolutas e incondicionadas são inimigas
8 da Verdade, dado que ela só se dá, aos poucos, Àqueles que estão atentos às suas
9 manifestações no tempo, que é o lugar onde se tecem as contradições que constituem o
10 Homem, a Natureza, e a Sociedade. Poderíamos, então, dizer que ele se assemelha aos
11 céticos? Seguramente é, para com eles, mais complacente, provavelmente por ter
12 compartilhado com eles, inúmeras vezes, a experiência da dúvida. Da dúvida, não da
13 descrença. Até convive bem com eles, naquilo que diz respeito ao caráter provisório de
14 muitas de nossas convicções. Deles se separa se lembrarmos que o Professor Rubem
15 sempre ordenou o seu espírito num horizonte de Esperança. Até fez dela, a Esperança, o
16 tema da sua tese de doutorado. E só espera quem acredita. Se rejeita o dogmatismo e o
17 ceticismo, seria ele um eclético? Certamente que não. Sabe ele muito bem que um conjunto
18 de proposições aparentadas entre si quando à forma e conteúdo não nos garante a certeza,
19 pela ausência de um princípio que as articule a um mesmo fundamento. Não rejeita,
20 entretanto, as contribuições de todas as áreas de conhecimento às quais teve e continua a
21 ter acesso. Poderíamos, talvez, dizer que, - na multiplicidade das produções culturais,
22 procura a unidade possível do saber. Analista minucioso, consegue elaborar sínteses
23 globalizantes. Ou, como prefere Hegel: a nossa liberdade reside no máximo de consciência
24 histórica que possamos alcançar. Esta a razão por que é de todo desaconselhada
25 qualquer tentativa de rotular o nosso homenageado: teólogo, filósofo, psicólogo, sociólogo,
26 hermeneuta, dialético, fenomenólogo ou coisas do gênero. Talvez pudéssemos buscar o
27 socorro de um termo que perde frequência e prestígio em nosso meio: um Humanista, mas
28 um Humanista da antiga "Humanitas". A Sabedoria consiste, ainda, no desejo do Bem. Ele
29 se identifica com a Verdade, a Beleza e a Justiça, segundo o pensador que está nos
30 inspirando. É preciso testemunha-lo. Mas onde encontrá-lo? Estamos adentrando o campo
31 complexo da Ética. e da Política. Das opções e dos engajamentos. Da praxis individual e
32 social. Dos caminhos sem retorno das nossas escolhas. Do compromisso
33 descompromissado das determinações objetivas e subjetivas da nossa existência. Diz
34 respeito às nossas ações e à subjetividade da nossa consciência. Encontra-se mais em
35 nossos currículos de vida do que de estudos, se alguma distinção aí se possa estabelecer.
36 Falar de alguém, neste plano, é correr risco da presunção e da injustiça. Três coisas,
37 entretanto, ficam evidentes ao observador atento da vida do nosso homenageado: saber
38 conviver com a dúvida, ter a coragem de rever as suas posições e não se omitir de dar
39 testemunho do bem por ele percebido. Por isso os maniqueístas não o admiram, os
40 acomodados o menosprezam e a inquisição nunca o perdoou. Claro que, por estas razões,
41 padeceu de graves aborrecimentos, de modo especial na vida profissional. Mas estes
42 dissabores e infortúnios lhe permitiram a aquisição gradual de uma qualidade, privilégio de
43 poucos: uma quase estóica tranquilidade, fonte e inspiração de novas energias para
44 continuar a luta. A Sabedoria consiste ainda no amor do Belo. Sei que os presentes já estão

1 esperando que diga eu que o professor Rubem é um amante das belas artes. Estão certos.
2 É muito agradável ouvir música em sua companhia. Percebe intensamente, acordes,
3 acidentes musicais, movimentos, etc É enriquecedor ouvi-lo falar de colunatas e capiteis
4 jônicos ou dóricos, de objetivas góticas, de afrescos renascentistas, da força do
5 expressionismo e coisas. que tais. Mas não é disso que devo falar. No mês passado, um
6 mestrando em Filosofia da Educação, num intervalo de aula, me procurou dizendo de sua
7 intenção de fazer a sua dissertação sobre a obra de Rubem Alves. " Professor, o Senhor
8 acha que dá uma boa tese?" Pode ser que sim, pode ser que não", lhe respondi. "Não sei
9 o que você quer procurar nas obras dele". "Nem sei como. Vai falar com ele". "Já fui e
10 quando disse que desejava pesquisar qual a filosofia da Educação presente em suas obras,
11 me respondeu: Sou um poeta". "E o pior, professor, é que tem gente na Universidade,
12 dizendo isso mesmo dele. O que é que eu faço?" Não duvido do relato e posso testemunhar
13 a angústia desse aluno. Posso ainda garantir a fidedignidade do meu diálogo com ele. "Sou
14 um poeta". Está aí um réu confesso. E, o que é mais grave: um réu que não se arrepende
15 do próprio crime. Ninguém se aventura impunemente pelo reino da poesia. Apesar disso vou
16 advogar à sua causa e tentar provar-lhe a inocência. O meu argumento é simples e
17 coerente com o que disse antes. Ortodoxo que abomina as ortodoxias, o Professor Rubem,
18 a meu ver, cansado da racionalidade lógica dos modelos oficiais do saber, foi buscar, na
19 poesia, uma forma de comunicar melhor as suas intuições. A poesia não tem compromisso
20 com a linearidade lógica do discurso. Em compensação, tem outras exigências muito mais
21 difíceis de serem atendidas. Invoco, neste passo, a autoridade de Fernando Pessoa que
22 afirma, mais ou menos o seguinte: A intuição poética me traz uma felicidade inaudita.
23 Depois é só sofrimento". Ou aquela sempre lembrada e muitíssima vezes difundida
24 definição de poeta: "Poeta é um fingidor, que finge tão completamente, que finge sentir que
25 é dor, a dor que deveras sente". É, certamente, muito difícil traduzir em palavras uma
26 intuição estética. É por isso que a maioria de nós tem inveja dos poetas. Eles possuem o
27 privilégio de ir ao fundo do Ser e saber comunicar o que viram. Enquanto nós, os comuns
28 dos mortais costumamos dizer com absoluta sinceridade que não encontramos palavras para
29 dizer o que sentimos, os poetas encontram. Está aí a diferença. Por tudo isso, declaro o
30 Professor Rubem inocente. Amando o que é belo, se fez poeta. Melhor dizendo: Descobriu-
31 se poeta. Não porque quisesse, porém por necessidade. Ele conhece muito bem o
32 conselho de Rilke, em Cartas a um jovem poeta: "Faça poesia sempre e só quando não
33 conseguir deixar de fazê-lo". Desde então, o Professor Rubem começou a padecer à poesia.
34 E os seus admiradores passaram a ter razão. Como aquela leitora assídua dos seus
35 escritos semanais na imprensa da cidade: "Ele escreve de uma forma totalmente diferente
36 dos outros. O que ele diz é profundo, simples e bonito. Mexe com a gente. Mesmo falando
37 da morte, dá lições de vida.". Percebo agora que ainda não falei do Professor, há muito
38 reconhecido e hoje declarado Emérito. É comum a gente admirar nos outros as qualidades
39 que não possuímos. Sou um deles. Assisti algumas aulas, palestras, conferências e
40 debates do Professor Rubem. O que nele sempre admirei não é a precisão dos conceitos,
41 nem o rigor na formulação de juízos, nem a coerência na articulação de argumentos. Não
42 que ele não as possua. Domina perfeitamente a Retórica, tal como a define Aristóteles:
43 "Ciência e arte da demonstração". Ele realiza, à sociedade, esta definição em sala de aula.
44 Mas, sabedor de que a Didática consiste em criar situações de aprendizagem, ele aproveita

1 estas situações e traz, para dentro delas, muitas outras linguagens, que não a do discurso
2 coerente. Fala com as mãos, ensina com os gestos, indaga com os olhos, perquire com os
3 iatos, densifica o silêncio. Mas não é só em sala de aula que ele é um docente digno de
4 respeito. Em colóquios "pra jogar conversa fora", ele joga conversa para dentro da gente.
5 Aí o sorriso parece ser a linguagem preferida. É um sorriso polissêmico. As vezes alegre,
6 complacente, amistoso. As vezes, inquiridor, satírico, quase irônico. E, se ao sorriso ele
7 acrescentar o gesto de cofiar uma barba inexistente, posto que sempre escanhoada, os
8 amigos que se precavem. Tensão e dissensão da ironia e maiêutica socrática. "Sou um
9 homem e nada do que é humano me é estranho". Esta parece ser a máxima que mais
10 sensibiliza o Professor Rubem. Tanto que, tendo sido Pastor, tornou-se um psicanalista,
11 profissionalizando o seu sacerdócio. Tendo ensinado em grandes Universidades do País
12 e do Exterior, passou a escrever para as crianças. Educador de Pedagogos escreveu lições
13 para quem gosta de ensinar e aprender. Louvo a iniciativa do Departamento de Filosofia e
14 História da Educação e de professores de outras Unidades e Departamentos. Louvo,
15 igualmente, a feliz deliberação deste Egrégio Conselho universitário. Caro colega e amigo
16 Rubem, fiquei muito feliz por ter sido convidado a lhe dizer as coisas que disse. Não me
17 incriminem, nem Você, nem esta ilustrada Assembléia a simplicidade e o caráter singelo
18 desta minha fala. Ela foi saindo assim, desse jeito, sem querer. Assim ficou, assim deixei.
19 Ela não me parece muito acadêmica. Talvez não pudesse, nem devesse ser. Não me cobre
20 lembranças esquecidas que lhe são muito caras, nem riquezas lembradas mas aqui não
21 ditas. Se, na locução invoquei pensadores eméritos, foi porque eles sabem falar de Você de
22 uma forma mais profunda e mais bonita. Que Você seja feliz e continue sempre procurando
23 a Verdade, desejando o Bem e Amando o Belo. São os meus votos e espero os de todos
24 os presentes a esta Assembléia". A seguir, o homenageado, com a palavra, profere o
25 seguinte discurso: "Espero que vocês me dêem o privilégio de não seguir as regras
26 acadêmicas. Eu teria imensa dificuldade de chamar o Martins de Magnífico. Hoje pela
27 manhã comecei a ficar preocupado, eu comecei a ficar emocionado mais do que eu uso
28 ficar. Só me tranquilizei um pouco quando tomei uma dose de Jack Daniel's aí eu me
29 tranquilizei. Não, não me tranquilizei, as palavras do grande amigo José Luiz, as palavras
30 do Martins e esse evento me comovem muito. Eu acho que a minha emoção esta manhã
31 se devia ao fato que eu estava indo visitar uma amante que eu não via há muito tempo. Eu
32 amei muito esta Universidade. Espero que vocês perdoem eu dizer amei, parece que eu não
33 amo mais. A relação mudou não é, sou aposentado, estou de fora, então, sou meio
34 estranho. Mas, nesta Universidade, nesta sala não, na outra sala do antigo Conselho
35 Diretor, nós travamos batalhas muito bonitas, batalhas alegres, cômicas, ferozes. Eu estou
36 me lembrando da intervenção que houve aqui na Universidade, foi em 1981. Esta história
37 precisa ser escrita, eu tenho às vezes um pouco de medo das histórias que os historiadores
38 escrevem, apenas escrevendo os grandes movimentos. Tudo bem, há os grandes
39 movimentos, mas eu tenho um prazer especial no detalhe, na coisinha que aconteceu, a
40 minha memória, a minha vida está cheia disso. Sempre pensei coisas muito bonitas sobre
41 a Universidade. Esta homenagem que me fazem é uma homenagem que se faz apenas à
42 pessoas de uma classe muito especial: a classe dos idosos. Eu fiquei pensando o que
43 significa idoso, idade, será que isso tem alguma relação com ir, o ir do idoso, o que foi,
44 talvez os linguistas me digam que não tem nenhuma relação, mas foi essa a associação que

1 me veio. Talvez porque o idoso seja aquele que de alguma maneira já foi. E quando a
2 gente está nessa situação as idéias da gente ficam diferentes. Um dos meus filósofos
3 favoritos é o dinamarquês Kierkegaard, que em um de seus livros diz que: "Todo pensador
4 que escreve sobre a vida humana, deveria ter o cuidado de declarar sua idade',. Isso pode
5 parecer muito estranho, porque no campo da Verdade a idade é completamente irrelevante,
6 mas Kierkegaard, tinha razão, os pensamentos que a gente tem pela manhã não são iguais
7 aos pensamentos que a gente tem na hora do crepúsculo. O crepúsculo faz a gente sentir
8 a vida, sentir as coisas de uma maneira diferente. Eu estava lendo um lindíssimo texto de
9 Allan Whats sobre o taoismo e, ele fez a seguinte observação, que eu achei muito - bonita:
10 "Quando se fica mais velho torna-se cada vez mais óbvio que as coisas não têm substância,
11 pois o tempo passa cada vez mais rápido, e assim nos tornamos conscientes da liquidez dos
12 sólidos, as pessoas e as coisas aparecem como tremores na superfície da água". Eu acho
13 que isso tem muito a ver com a minha maneira de sentir a vida, eu acho que vocês que
14 acompanham o que eu escrevo, sentem isso, um certo senso de insubstancialidade e essa
15 é uma das razões porque eu sou um grande admirador do pintor Claude O. Monet, Claude
16 O. Monet tinha um hábito esquisito, ele ia para um campo assentava-se diante de um monte
17 de feno com várias telas e começava a pintar o mesmo monte de feno, pintava o monte de
18 feno uma vez, pintava o mesmo monte de feno outra vez, eu imaginei aquela situação em
19 que ao final do dia o fazendeiro passando por aquele lugar onde ele tinha passado de
20 manhã dissesse a Monet:" mas o senhor o dia todo pintando o mesmo monte **de feno?"**
21 Respondeu: " Não, eu não sou vaca. Esse monte de feno é apenas o mesmo monte de feno
22 para as vacas, mas eu sou uma criatura da luz, a cada momento diferente da luminosidade
23 sobre esse monte de feno, esse monte de feno é uma outra criatura". Eu acho que isso
24 também acontece com as pessoas, nós vamos sendo transformados pelo tipo de
25 luminosidade que inside sobre a gente. Então vamos dizer que essa homenagem, é uma
26 homenagem que é somente concedida nos momentos crepusculares. O Professor Sigrist
27 comentou a questão da "Sabedoria", ele citou Hegel, Hegel tem uma frase célebre, o final
28 do préfacio da Filosofia do Direito, em que ele diz o seguinte:" A coruja de minerva só abre
29 as suas asas ao cair do crepúsculo". Eu tenho a impressão que ele estava certo, mas eu
30 não concordo com a conclusão. Ele diz: "A coruja de minerva só abre suas asas ao cair do
31 crepúsculo, quando já é tarde demais para se fazer qualquer coisa". Eu não acredito que
32 seja tarde demais para fazer qualquer coisa. Eu acredito que há muita coisa a ser feita. o
33 que significa "Sabedoria" já que essa questão foi levantada, essa "Sabedoria" do momento
34 da velhice. Eu acho que uma das coisas que eu aprendi foi uma progressiva simplicidade.
35 os orientais, o taoismo diz o seguinte: "Os eruditos dos somam, os sábios diminuem,,. Eu
36 acho que isso é verdadeiro, vou dar um exemplo a vocês. Enquanto eu era jovem, eu tinha
37 uma carreira acadêmica, eu tinha pasta onde eu ia somando os documentos para o meu
38 currículum vitae, a cada Banca de tese, Banca de qualificação, a soma. No momento
39 quando me descobri velho, eu joguei aquela pasta fora. Agora podem me dar todas as
40 comprovações de teses que eu não guardo, porque não tem mais sentido. Aconteceu
41 também com a minha biblioteca. Eu tinha uma biblioteca que ajuntei a minha vida inteira
42 e um dia olhei para a minha biblioteca e disse: o que vou fazer com isso? A grande maioria
43 desses livros eu não vou ler mesmo. Então era como se fosse o momento que eu dissesse
44 a mim mesmo: Escuta, escolha os livros que você ama. E aí eu escolhi os livros que eu

1 amava e os outros livros eu coloquei em caixas e comecei a dar de presente, uns para meus
2 amigos, outros para meus inimigos, de modo que a biblioteca foi encolhendo, foi encolhendo
3 e praticamente, hoje eu confesso a vocês que a minha biblioteca, os livros que eu amo são
4 da poesia, da arte. Aliás eu comecei a ficar criança, eu vou agora nas livrarias, antigamente
5 eu procurava os livros que tinham coisas escritas, agora eu procuro os livros de figura, eu
6 acho tão bom pegar aqueles livros de arte, dão um prazer tão grande para gente. Roland
7 Barthes, que é um dos meus, não sei se mestres ou conspiradores, dizia o seguinte no seu
8 famoso texto chamado "Lição". Ele estava sentido que estava ficando velho, então ele faz
9 um balanço sobre a vida do professor, e diz uma coisa fascinante. Ele diz que: " A vida do
10 professor se divide em três fases: a primeira fase é aquela que a gente ensina o que a gente
11 sabe. A gente ensina a dar nó em cadarço de sapato, a escovar os dentes, a usar o garfo
12 de maneira adequada, a atravessar a rua, essas coisas que a gente ensina às crianças, a
13 gente ensina as crianças a falar, o uso das palavras, ensina a diminuir, a somar, aritmética,
14 essas coisas que a gente faz na escola. É a primeira fase do professor, a gente ensina o
15 que sabe. Aí a gente cresce um pouco e começa a ensinar o que não sabe. Ensinar o que
16 não sabe é assim, a gente foi a muitos mares, fez mapas dos mares, voltou para casa,
17 pendurou os mapas na parede e fez uma escola de navegação. Aí os alunos vão lá, e a
18 gente ensina para os alunos o que a gente sabe, os mares que a gente conhece. Aí um
19 aluno diz: "Mas esses mares eu não quero, eu quero ir lá naquele mar". Aí eu olho e
20 descubro que eu nunca fui naquele mar, ele não está delineado nos meus mapas, eu digo
21 para ele: naquele mar eu nunca fui. Mas, eu posso te dar algumas dicas, eu posso te ajudar
22 a ir no mar que eu não conheço. A isso se chama, ensinar a fazer pesquisa. Não é ensinar
23 o que a gente não sabe. É ensinar o aluno a fazer pesquisa, que é uma coisa maravilhosa.
24 Aí a gente começa a aprender dos alunos, as coisas que eu aprendi dos meus alunos,
25 incríveis, porque quando aluno faz pesquisa ele sistematicamente sabe mais do que a gente.
26 Então a gente fica aprendendo do aluno, vira aluno do aluno. Aí Barthes, diz que chega
27 finalmente aquele momento da vida dele em que ele se sentia velho, ele diz: "Chegou
28 finalmente o momento supremo da minha vida. O momento em que eu me dedico a me
29 esquecer de tudo o que eu aprendi, a desaprender todas as lições que me foram ensinadas".
30 Olha, que coisa mais doida! mais maluca para um erudito como Roland Barthes? Dizer isso,
31 que chegou o momento de esquecer. Mas ele tem razão, o processo de aprendizagem em
32 Educação é um processo de sedimentações sucessivas, as coisas vão se sedimentando
33 em cima da gente. O Alberto Caeiro, usa uma imagem interessantíssima, ele usa a imagem
34 das sucessivas mãos de tinta que você passa numa parede, então, você pinta uma vez,
35 pinta uma vez, pinta outra vez, então no final ele diz: é preciso esquecer, ou seja, é preciso
36 ir raspando esse verniz. Então, Alberto diz igual a Barthes, ele se dedicava a esquecer para
37 ver se ele se lembrava, se lembrava da maneira real dele ser. Aliás. na minha profissão
38 de psicanalista, a psicanálise é uma aprendizagem do esquecimento- é preciso que as
39 pessoas se esqueçam das coisas aprendidas, para que elas se lembrem das coisas
40 esquecidas. Aí o Barthes ao final dessa raspagem de verniz, chega a uma coisa que o
41 surpreendeu, ele ficou meio com vergonha de dizer de maneira clara, o que ele tinha
42 encontrado, ele pede desculpas mas eu vou dizer o que eu encontrei. Eu encontrei
43 "Sapiência". Ora, o que é "Sapiência", "Sapiência" é saber saboroso. Sábio,
44 etimologicamente, significa o degustador. Sapere, em latim, significa ao mesmo tempo saber

1 e sentir o gosto. Então Barthes com aquela bagagem intelectual, de produção intelectual
2 fantástica, diz: "E agora quando estou velho, faço uma transferência da sala de aula para
3 a cozinha. Eu quero agora sentir a vida, não com meus olhos, mas eu quero sentir a vida
4 com a minha bocal. Prazer. Interessante o que caracteriza a ciência é a obsessão ocular,
5 o cientista vê as coisas. Isso é o que significa objetividade, eu vejo, de longe eu estou
6 vendo o objeto. Os olhos sempre exigem distância para verem alguma coisa, eu não posso
7 me aproximar, se eu me aproximar do objeto eu não o vejo. A objetividade exige distância,
8 mas o prazer da boca exige proximidade. Então era isso que Barthes estava dizendo, que
9 naquele momento supremo da vida dele, ele estava se dedicando simplesmente a cultivar
10 o prazer. Essa é uma das coisas que eu aprendi ao ficar velho, eu acho que o objetivo da
11 vida é o prazer, o objetivo da vida é a alegria. E é isso que eu sempre sonhei para a
12 Universidade, que fosse um lugar de ensinar a felicidade? Mas onde é que se ensina a
13 felicidade, onde é que se ensina a sabedoria na universidade? onde é que se ensina a
14 felicidade na Universidade? Para simplificar de maneira bem condensada isso que eu estou
15 dizendo, eu vou voltar a Santo Agostinho, que o professor José Luiz citou, esse curtíssimo
16 parágrafo de Santo Agostinho no livro de "Doutrina Cristiana", que ordenou a minha maneira
17 de pensar, para mim é extraordinária. Eu vou dizer a filosofia dele, da minha forma, Santo
18 Agostinho, disse que todas as coisas na vida estão divididas em duas feiras, feira é o meu
19 uso. Você tem a feira das utilidades, o que são utilidades? Utilidades são ferramentas:
20 facas, serrotes, lápis, automóveis, coisas que a gente usa, panelas, garfos, colheres, fogo
21 coisas que eu estou usando são utilidades, a ciência também é uma utilidade. Para que
22 servem as ferramentas, as utilidades, os utensílios? Elas servem para a gente chegar a uma
23 outra coisa, eu uso uma panela para fazer uma moqueca, panela não é um fim, é apenas
24 um meio. Santo Agostinho então diz: o que caracteriza os objetos, da ordem da utilidade?
25 Sendo eles úteis e absolutamente necessários eles não nos dão felicidade. Ninguém tem
26 felicidade numa panela, ninguém tem felicidade numa faca, a gente tem felicidade naquilo
27 que a panela cozinha, a gente tem felicidade na laranja que a faca descasca. Aí Santo
28 Agostinho, continua e diz: mas tem também a feira da fruição, fruição é uma palavra muito
29 bonita porque vem de fructus, fruto, o símbolo do desejo, a coisa deleitosa. Fruição, o que
30 é fruição? Fruição é aquelas coisas que são objeto da vida, o propósito da vida, uma sonata
31 de Mozart é um objeto de fruição, um caqui é um objeto de fruição, ninguém come um caqui
32 porque o caqui é útil, se alguém disser vou comer um caqui porque o caqui é útil, essa
33 pessoa não está muito certa da cabeça. Eu como caqui pelo puro deleite de comer caqui.
34 Um poema de Fernando Pessoa. Para que serve um poema do Fernando Pessoa? Nada,
35 é por puro deleite. Um beijo. Para que serve um beijo? Beijo não serve para nada, é um
36 puro prazer. uma coisa curiosa sobre as pessoas, sobre as coisas da ordem da fruição, é
37 que todas as coisas da ordem da fruição são absolutamente inúteis, você não pode fazer
38 nada com elas, você não pode fazer nada com um poema, você não pode fazer nada com
39 um caqui, você não pode fazer nada com a música, é tudo absoluta fruição. O nome dessas
40 coisas que a gente usa por puro prazer é brinquedo, o que caracteriza a ordem da fruição
41 é o brinquedo. Aliás dizia um místico medieval Jacob Boehme: "Que a única coisa que
42 Deus fazia era brincar". Eu diria então para vocês que é isso que eu penso da vida, sabe
43 eu acho que isso que a gente faz na Universidade, é toda ciência, tudo que a gente produz
44 tem um único objetivo de restaurar na gente a felicidade de brincar, como se nós fossemos

1 crianças. Porque é esse o objetivo da vida. Aliás, uma das coisas que tem acontecido
2 comigo ao envelhecer, é exatamente isso eu comecei a regredir, numa linguagem
3 psicanalítica comecei a regredir, eu parei de escrever livros científicos, comecei a escrever
4 livros para crianças. Me dá prazer escrever livros para criança. O poeta Thomas Stearns
5 Elliot tem o seguinte verso que eu acho monumental, ele diz: "E assim ao final de nossas
6 longas explorações nós finalmente chegaremos ao lugar de onde partimos e o
7 conheceremos então pela primeira vez". Eu tenho esse sentimento de que estou voltando
8 novamente à minha infância, e estou recuperando aquela maneira alegre, feliz de viver a
9 vida. É isso que eu quero dizer às pessoas, é preciso que a gente recupere a alegria, que
10 recupere a felicidade. No livro de Hermamm Hesse, há o jogo das contas de vidro que é
11 a história de um homem Joseph Knecht que era o centro de uma organização monástica
12 intelectual fantástica, ele era a pessoa central, ele era o Magister ludi, havia um jogo de
13 contas de vidro, ele era a pessoa central naquele jogo intelectual fantástico, ele havia
14 chegado ao cume, ao ponto culminante da carreira intelectual da busca da beleza, da busca
15 da bondade. Repentinamente, quando ele ficou velho uma coisa curiosa aconteceu com ele,
16 ele começou a ter nostalgia de ser novamente professor de uma criança. Vocês sabem que
17 é exatamente isso o que eu sinto agora, se eu pudesse voltar a ser professor eu queria
18 fundar uma escola para crianças, mas crianças que não foram deformadas ainda pela
19 Educação. Porque a Educação é uma coisa terrível, eu queria, é isso que dizia também o
20 Joseph Khecht, que ele queria trabalhar com uma criança que ainda não entrou para a
21 Educação. Sabe o que eu gostaria de fazer com as crianças, eu gostaria de fazer uma coisa
22 que o Marx, quando a gente fala Marx, a gente pensa logo em luta de classes, não é nada
23 disso, Marx disse uma coisa fantástica que foi o seguinte : "O que a história tem feito até
24 agora, foi a Educação dos nossos sentidos". Eu gostaria de ter uma escola chamada "A
25 Educação dos Sentidos", que a única coisa que se fizesse naquela escola seria educar os
26 olhos, educar os ouvidos, educar o nariz, o nariz é uma fonte de felicidade tão esquecida,
27 educar a boca, educar o tato, ou seja, eu gostaria de trabalhar não com o conhecimento do
28 mundo que é muito necessário, mas eu gostaria de trabalhar com as capacidades que as
29 crianças têm para sentir o gosto da vida. Eu acho que vocês já notaram que a Universidade
30 não é um lugar notável pelo desenvolvimento da "Sabedoria" entre os professores
31 universitários, eu espero que vocês não se sintam ofendidos por eu dizer isso. A
32 universidade desenvolve muita ciência, mas não existe nada na Universidade dedicado ao
33 desenvolvimento da "Sapiência". "Sapiência" significa sabedoria, significa desenvolver nossa
34 capacidade de sentir o gosto bom da vida, porque esse é o objetivo da vida. Terminando
35 essa fala, essa conversa em mesa de bar eu gostaria de citar um poema que o Joseph
36 Knecht, do livro de Hermamm Hesse citou o poema diz assim: "Nossos dias são curtos, mas
37 com alegrias os vemos passando se no seu lugar encontramos uma coisa mais preciosa
38 crescendo, uma flor rara e exótica, alegria de um coração jardineiro'. um livrinho que
39 estamos escrevendo, uma criança que estamos ensinando, eu na verdade acho que não
40 existe coisa mais bela do que ensinar, e sabem porque? Não é porque eu acho que o
41 ensino vai ajudar o Brasil a progredir, não é nada disso não. É por uma razão muito
42 narcisista, é porque eu acho que no ensino a gente está fazendo um exercício de
43 imortalidade. O Barthes, faz um comentário delicioso sobre a palavra "Seminário". A gente
44 fala vamos para o "Seminário", a gente não pensa no sentido da palavra "Seminário",

1 "Seminário", vem de sêmem, então Barthes define o "Seminário" como um generoso espargir
2 de sêmem. Ou seja, uma experiência de amor, a gente vai espalhando a semente. Uma
3 velhíssima tradição teológica diz que a abençoada Virgem Maria foi engravidada pelo
4 ouvido, no que eu acredito. E talvez esse seja o modelo maravilhoso para o professor, o
5 professor fala, deposita uma semente lá nessa cabeça que é um útero e os filhos vão
6 nascendo. O que acontece então não é apenas a expansão do conhecimento, mas é aquela
7 alegria imensa da gente descobrir que a gente está gerando filhos, que as pessoas vêem
8 o mundo da mesma forma como a gente vê o mundo, então a gente não se sente mais
9 sozinho, mas se sente cercado de conspiradores, no sentido etimológico da palavra,
10 conspirador significa aquele que respira o mesmo ar. Então a gente vai ensinando, e à
11 medida que se ensina vai se criando uma família, vai se criando os conspiradores, aqueles
12 que se assentam com a gente para sentir o prazer bom da vida, porque é para isso que a
13 gente vive. É isso que eu gostaria que fosse a Universidade, uma grande cozinha aonde se
14 celebra um banquete maravilhoso, como "A Festa de Babette" ou como o filme da Tita: "Como
15 Água para Chocolate". Que as pessoas pudessem ser felizes, que houvesse beleza, que
16 houvesse alegria, porque a ciência é uma coisa bela, a ciência é uma coisa absolutamente
17 bela. Aliás, eu acho que só é possível fazer ciência como quem brinca, só é possível fazer
18 ciência como quem lida com uma coisa bela. Muito obrigado por tudo. Muito obrigado aos
19 meus amigos da Medicina Legal, que se lembraram, foram eles que tiveram a idéia e depois
20 a transmitiram para a Faculdade de Educação, essa idéia da homenagem, homenagem
21 que me comove muito. Trago da UNICAMP as memórias mais felizes, acho aqui um espaço
22 deleitoso, gosto de andar por aí, vendo os lugares bonitos. As vezes eu fico preocupado de
23 ver os professores, que às vezes parecem antas, que só conhecem o caminho até seu
24 laboratório, chegam no laboratório se trancam e não vêem que é maravilhoso, é lindo é bom
25 de andar por aí. Um grande andarilho dos lugares da UNICAMP é aquele cavalheiro de
26 barba que está ali, o Carlos Rodrigues Brandão, que é a pessoa que talvez conhece mais
27 o campus da Universidade do que qualquer outra pessoa. O observatório astronômico a
28 olho nú, aquilo é lindo, é maravilha. A Universidade precisa de ser um lugar de beleza, é
29 preciso que as pessoas tenham saudade da Universidade. Eu acho tão triste quando os
30 alunos terminada a formatura fazem aquele foguetório de Felicidade. Eu falei: Gente que
31 coisa mais triste, quer dizer que eles vão ficar felizes de ir embora da Universidade?
32 Deveriam ficar muito tristes porque a Universidade tem de ser um lugar deleitoso, eu saio
33 daqui, mas saio com o coração partido porque isso é belo, isso é bom, isso é divertido, isso
34 é gostoso. É preciso que a Universidade seja um espaço tópico, um espaço gostoso de se
35 viver. Muito obrigado a vocês, vocês foram muito generosos. Eu disse que amei muito esta
36 Universidade, continuo amando não é, só que agora de alguma maneira eu sou mal amado,
37 porque eu não estou mais aqui, eu não frequento mais aqui, então vamos dizer que o meu
38 amor agora é um amor misturado com saudade, vamos dizer dessa maneira. Eu tenho
39 muita saudade da UNICAMP. Este momento me trouxe muita felicidade. Muito obrigado a
40 todos vocês. Em seguida, encerrando a Sessão, faz uso da palavra, o MAGNIFICO REITOR
41 da UNICAMP, que, homenageando Senhora Lidia, esposa do Professor Rubem, solicita à
42 Senhora Fátima, Secretária da Faculdade de Educação, que faça a entrega de um ramallete
43 de flores à ela, em nome da UNICAMP, pela sua presença no ato. Continuando, destaca que
44 tem tido raras oportunidades, neste ano e pouco de gestão, de entregar alguns diplomas de

1 Professor Emérito, e tem dito sempre que é um momento raro, é um momento de muita
2 oportunidade, porque o que temos visto é o pensamento vivo da UNICAMP sendo
3 recuperado de uma forma aguda, num determinado momento, na presença de amigos, de
4 pessoas que respeitam o homenageado, e que ficaram ligados à sua vida. Tem notado
5 também que os participantes aqui vem, às vezes, com dificuldade de traslado, sempre
6 marcando a sua presença com a sua história passada. Não pode deixar de lembrar o
7 Professor Oscar Sala aqui, um cientista brasileiro de renome que tem frequentemente
8 prestigiado as solenidades, quer deixar muito claro o agradecimento profundo da UNICAMP
9 pela sua presença. Estende também o agradecimento aos diretores, aos professores, aos
10 funcionários e alunos, bem como ao representante da Administração Municipal, vereador Luiz
11 Carlos Pinto representando aqui a Presidência da Câmara Municipal de Campinas. A
12 universidade não quer sair da vida do Professor Rubem, ela deseja profundamente que os
13 Professores participem intensamente, é fundamental que se saiba que ensinar a ser feliz
14 é um dos grandes projetos de qualquer professor. Fica muito feliz quando o Professor
15 coloca que a sapiência nem sempre é conseguida, mas tenham a certeza absoluta há uma
16 tentativa constante na Universidade para que isso aconteça. Prova disso é a maneira
17 constante da Universidade repensar a si própria, rediscutir-se, retomar-se, recomeçar de
18 novo, pensar novos caminhos, novos projetos, novas formas de existir e evidentemente
19 convivem com esta Universidade pujante, crítica e que assume o seu papel na Sociedade.
20 Ainda bem que há Universidades no País que podem contar com momentos com este de
21 retomada da sua história. Agradece muito a presença de todos, particularmente a do
22 Professor Rubem, da Dona Lidía, de seus familiares, dos Conselheiros da Universidade, de
23 todos os amigos e espera que tenham mais uma vez tido um momento de reflexão. E que
24 a ciência, a tecnologia, a pesquisa, a filosofia, a história, a ética e o conhecimento humano
25 continuem se fundindo dentro da nossa Universidade, esse é um intuito fundamental, é um
26 projeto existencial deste Reitor que cada momento percebe a dificuldade de contemplar
27 todos os desejos da Comunidade e quando aparece uma nova sensação, a única coisa que
28 lhe resta é repensar, retomar, rediscutir, reavaliar, e integrar a Universidade na realidade
29 nacional. A seguir, declara encerrada a Assembléia Universitária, e, para constar. Eu, Sueli
30 Aparecida Bonatto, redigi, a presente ata, que assino e submeto à apreciação dos Senhores
31 Membros. Campinas, 03 de Maio de 1995.